



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Gestão e Negócios
Graduação em Administração



Anarquia não é bagunça, é organização! Análise fílmica de inspirações anarquistas em quatro filmes contemporâneos.

Discente: Laissy Alves

Orientador: Dr. Rodrigo Miranda

Uberlândia-MG

Resumo:

A partir dos textos de autores tradicionais que apresentam o anarquismo como uma forma de organização, o problema da pesquisa que se propõe é como o anarquismo pode ser relacionado a formas de organizações e de organizar, a partir de análise de filmes com a temática anarquista. A análise fílmica se dá através da escolha de cenas específicas de quatro filmes diferentes, sendo eles: Capitão Fantástico, A travessia, V de Vingança e Um homem de ação. O objetivo é ampliar e explorar a discussão sobre o anarquismo nos estudos organizacionais com ilustrações de filmes contemporâneos que trabalham questões como a solidariedade, a ajuda mútua, as formas organizacionais não tradicionais, resistência e a insubordinação que podem ajudar na reflexão sobre como poderiam ser constituídas organizações em sociedades alternativas ao capitalismo moderno.

Palavras-chaves: Anarquismo; Teoria Organizacional; Ajuda-Mútua; Análise Fílmica.

1. Introdução

Nos Estudos Organizacionais, as formas não convencionais de organização são pouco exploradas, e muitas vezes, o sistema educacional nos direciona para sermos meramente ferramentas úteis ao Estado, negligenciando o desenvolvimento de estruturas mais autônomas e coletivas.

O anarquismo como ideologia política foi pouco explorado no campo das teorias organizacionais devido à sua oposição radical a qualquer forma de hierarquia ou governo centralizado. No entanto, em contextos de movimentos autogestionários e manifestações de ativismo social, ele é frequentemente evocado como uma fonte inspiradora capaz de promover uma sociedade mais justa, equitativa e humanitária.

Em contraste com a percepção convencional do anarquismo ser vinculado ao caos e desordem, diversos autores desafiam essa visão ao afirmar que o anarquismo é, na verdade, uma questão de organização. Essa ideologia, frequentemente mal compreendida, não se opõe à noção de ordem, mas sim a certas formas de hierarquia e autoritarismo.

Este trabalho tem como objetivo ampliar o escopo dos estudos críticos ao apresentar novos modelos de organização e promover reflexões que questionam a maneira como trabalhamos, existimos e nos organizamos na sociedade por meio de um resgate teórico que desafia a estrutura societal vigente ao trazer novas alternativas. O problema central da pesquisa é compreender como o anarquismo pode se relacionar com diferentes formas de organização e de organizar, utilizando a análise fílmica para explorar essa conexão. A análise fílmica se dá através da escolha de cenas específicas de quatro filmes diferentes, sendo eles: A Travessia, Capitão Fantástico, V de Vingança e Um Homem de Ação.

O estudo está dividido em três seções principais. Primeiramente, abordaremos um referencial teórico que explora os conceitos fundamentais relacionados ao anarquismo e estudos organizacionais, explorando alternativas e utopias. Em seguida, detalharemos a metodologia qualitativa e interpretativa utilizada para analisar os dados coletados. Por fim, realizaremos a análise dos filmes discutidos e destacaremos as conclusões resultantes desta pesquisa, enfatizando descobertas-chave, implicações e possíveis direções para estudos futuros

O Anarquismo

No senso comum, a anarquia costuma ser associada a termos como desordem, caos, confusão e desmoralização (FERREIRA, 1999; MICHAELIS, 2007). Para desmistificar essa associação, é fundamental explorar uma perspectiva completa, o que requer compreender sua origem.

O anarquismo surgiu no século XIX na Europa como uma ideologia política e social que questionava as condições sociais, econômicas e políticas da época. Essa época foi caracterizada pela industrialização e concentração de poder nas mãos de governos e elites, resultando no crescimento da pobreza e miséria entre a população. Essa ideologia se opõe a formas de poder autoritário, incluindo o Estado, as Igrejas e as Leis.

Dentro do anarquismo, diversas vertentes foram desenvolvidas, onde podemos destacar pensadores como Proudhon, Bakunin e Kropotkin, que foram fundamentais para a formação e o desenvolvimento da corrente. Cada um desses pensadores contribuíram para como a sociedade deveria ser organizada sem a presença de hierarquias e dominação.

Para Proudhon e Bakunin, a abordagem coletivista da teoria anarquista clássica é fundamentada através da discussão sobre a ordem do mundo e a manifestação dos seres. Essa abordagem é caracterizada por uma ontologia naturalista, uma dialética negativa e serial, e uma posição crítica em relação aos poderes científicos e político-econômicos.(FERREIRA,2016) Para eles, é fundamental abandonar especulações sobre causas primárias ou forças superiores, buscando, ao invés disso, entender o mundo através das interações complexas entre seus elementos. Ambos rejeitam abordagens que atribuem hierarquias ou supremacias causais, como as encontradas em pensamentos religiosos ou filosofias causalistas. Em vez disso, enfatizam a importância de estudar os detalhes e as manifestações concretas do mundo para compreender sua lógica e dinâmica (BRITO, 2016). Essa visão dinâmica e coletivista é fundamental para a teoria anarquista clássica.

Piotr Kropotkin (1842-1921) trouxe para o anarquismo a ‘Lei da Ajuda Mútua’, enfatizando a cooperação como princípio fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento das espécies. Ele defendia que a cooperação era natural e influenciou o pensamento anarquista, promovendo sociedades baseadas em solidariedade, igualdade e cooperação voluntária em oposição à competição e hierarquia dos sistemas autoritários (Carneiro, 2020). Essa perspectiva reforçou a importância de construir uma sociedade mais justa e livre.

Apesar do que se pensa, a competição não é uma característica predominante no mundo animal, muito menos na sociedade humana. Entre os animais, ela se limita a períodos excepcionais, e a seleção natural encontra terrenos mais propícios para sua atuação: melhores condições são alcançadas quando a competição é reduzida através da cooperação e apoio mútuo (Kropotkin, 1902). Os anarquistas abordavam as organizações de maneira única, questionando seus objetivos e métodos. Isso levava a uma atenção crítica à hierarquia, sensibilidade às críticas de autoritarismo e defesa dos direitos dos trabalhadores, desafiando o poder capitalista (PARKER; STOBOROD; SWANN, 2020).

O anarquismo, desde seu surgimento, exerceu influência em movimentos sociais e políticos ao redor do mundo, mantendo relevância nos debates contemporâneos sobre questões sociais, econômicas e políticas. Essa corrente libertária oferece a capacidade de se organizar livremente, buscando soluções inovadoras para problemas específicos, valorizando as liberdades individuais e coletivas, e apresentando uma diversidade de possibilidades organizacionais.

A defesa do indivíduo em oposição ao Estado.

O Estado é visto como o principal órgão de dominação política de uma classe sobre outras. Segundo Lênin (2017), que resumiu a análise de Engels de 1894, o Estado emerge de uma sociedade confrontada com contradições intratáveis, resultando em antagonismos irreconciliáveis. No manifesto comunista, Engels e Marx (1848) descrevem o Estado moderno como um órgão de administração dos interesses da classe burguesa, funcionando como um comitê encarregado de gerir seus assuntos. Esse embate entre classes de interesses econômicos opostos cria a necessidade de uma entidade que busca conter o conflito dentro dos limites da "ordem". Gradualmente, essa entidade, originada na sociedade, se distancia dela, tornando-se o Estado.

Tanto no comunismo quanto no anarquismo, o Estado é percebido como uma ferramenta de opressão, atuando como instrumento de controle e dominação sobre certas classes sociais. Bey (2007) vê o Estado como uma estrutura de poder que surge em resposta à desigualdade, operando em diversas escalas, desde núcleos familiares até movimentos sociais. Autores anarquistas promovem ideias que defendem formas de organização independentes das estruturas mantenedoras do Estado, como o governo.

Ward (2004), figura central na análise do anarquismo, define o anarquismo como a ideia de uma sociedade concebida sem governo, enfatizando a liberdade individual e a participação voluntária. Destaca-se a contradição dos anarquistas em defender a liberdade individual enquanto apoiam organizações com filiação obrigatória.

Emma Goldman (1911) define o anarquismo como uma filosofia de nova ordem social, baseada na liberdade irrestrita, opondo-se a formas de governo consideradas violentas, errôneas e desnecessárias. Destaca a cooperação voluntária entre indivíduos conscientes e inteligentes como um benefício para a humanidade.

Portanto, tanto Emma Goldman quanto Colin Ward compartilham a visão de que a anarquia é um princípio organizativo essencial, onde a ausência de Estado e governo é um componente fundamental para o desenvolvimento e funcionamento da sociedade.

Anarquismo nos Estudos Organizacionais

Enquanto perspectiva organizacional o anarquismo tem sido abordado de forma a questionar a estrutura tradicional de poder e hierarquia presente nas organizações. No contexto acadêmico, a predominância de ideologias opostas e a escassez de acesso à produção bibliográfica dos autores clássicos do anarquismo resultaram em uma situação de marginalização das reflexões teóricas dentro do campo anarquista.(Brito, 2016).

Estudos críticos em administração, voltados para a emancipação e criação de sociedades livres da dominação, começaram a ganhar um pequeno espaço a partir da década de 1990 (Alvesson e Deetz, 1999). Para explorarmos os estudos críticos organizacionais anarquistas, é fundamental compreender a origem da palavra, que significa 'contrário à autoridade'. A proposta anarquista de uma sociedade sem Estado e governo não sugere uma sociedade desprovida de organização, mas sim uma sociedade autônoma, fundamentada na educação integral dos indivíduos e livre de burocracia (Paula, 2008).

No Brasil, olhando para os Estudos Organizacionais, pouco se fala sobre o anarquismo, onde é possível perceber que existe apenas um pequeno espaço dessa linha de pensamento nos estudos críticos. Na produção bibliográfica nacional destacam-se autores brasileiros como Alberto Guerreiro Ramos e Maurício Tragtenberg que já exploravam estudos com teor crítico muito antes do movimento ganhar força no exterior na década de 90. Guerreiro Ramos apresentou preocupações características desse campo já em 1966, com o livro "Administração e o contexto brasileiro". Seu trabalho mais conhecido, "A nova ciência das organizações" (1981), resultado de 30 anos de pesquisa e reflexão, englobando obras como "Introdução crítica à sociologia brasileira" (1957) e "A redução sociológica" (1958). Maurício Tragtenberg teve sua abordagem composta pela análise da burocratização e hierarquização do trabalho nas organizações, que leva à concentração de poder nas mãos de poucos, resultando em exploração e alienação dos trabalhadores. Para Tragtenberg, a descentralização do poder e a maior autonomia dos trabalhadores na gestão são fundamentais para uma organização mais libertária e emancipatória. Ele teve o mérito de realizar sua análise em uma escola de administração por meio da sistematização dos livros "Burocracia e Ideologia" (Tragtenberg, 1974) e "Administração, Poder e Ideologia" (Tragtenberg, 1980a), sendo a partir de então, considerado um dos principais contribuintes para o estudo brasileiro (Segnini e Bruno, 2001).

Enquanto exploramos a influência do anarquismo nos estudos organizacionais e sua abordagem crítica às estruturas tradicionais de poder, é fundamental reconhecer que essa perspectiva desafia não apenas as hierarquias organizacionais, mas também as ideologias supremacistas que sustentam essas estruturas. Para compreender completamente o impacto do

anarquismo nas organizações, devemos considerar o papel da ideologia na criação e manutenção da hegemonia.

De acordo com Campione (2007), a hegemonia é um fenômeno que se desenvolve no âmbito intelectual e moral, chegando a um ponto em que uma ideologia específica se torna universal, abrangendo todos os grupos sociais. Segundo ele, essa ideologia hegemônica exerce influência em diversas esferas, desde as normas cotidianas que regulam a convivência até a estruturação do capital e das esferas públicas.

Conforme a visão de Gramsci (1978), a ideologia desempenha um papel fundamental na criação de hegemonia, permitindo que um grupo, geralmente uma classe social, exerça influência sobre outros grupos ao promover a aceitação de uma interpretação comum da realidade e da ideologia correspondente. Dessa forma, as relações de hegemonia são estabelecidas através da formação de consensos, sem a necessidade de recorrer à violência ou coerção.

Laclau e Mouffe (1985) complementam essa perspectiva ao explicarem que as relações hegemônicas são constituídas por meio de formações discursivas que abrangem várias esferas da realidade social. É importante salientar, no entanto, que a hegemonia é sempre transitória e faz parte do contínuo processo social de construção de novas hegemonias. Portanto, ela está constantemente em evolução, sendo uma parte integral da luta eterna entre ideologias em busca da supremacia (GRAMSCI, 1978).

Nesse contexto, à semelhança de Gramsci (1978), Laclau e Mouffe (1985), e Böhm (2006), compartilhamos a compreensão de que a mera aceitação ou a passividade diante da hegemonia é, em si mesma, uma atitude igualmente hegemônica. Isso ocorre porque os indivíduos passivos acabam vivendo de acordo com as normas da ideologia hegemônica vigente, ainda que o façam sem questionar ou defender conscientemente essa ideologia. Em essência, esses indivíduos propagam o discurso hegemônico de forma inconsciente e contínua.

Assim como, Ward (1966) também questiona o porquê das pessoas aceitarem ser governadas? Não é meramente por causa do medo: afinal, o que muitos indivíduos teriam a temer de um pequeno grupo de políticos? Para ele, é principalmente porque elas aderem aos mesmos princípios e valores que seus líderes. Governantes e governados partilham a crença no princípio da autoridade, da hierarquia e do poder. Esses elementos representam a essência do paradigma político.

Portanto, acreditamos que o que alguns teóricos, como Day (2005), rotulam como posturas não-hegemônicas (onde supostamente alguém não estaria nem a favor nem contra a ideologia hegemônica), seja um equívoco. Isso ocorre porque agir à margem da sociedade acaba por legitimar a hegemonia, pois promove a ideia de que, na atual fase do sistema capitalista, é possível agir de acordo com a própria vontade, quando na realidade tais ações não passam de "ações em direção ao vazio" (SODOT, 2008).

Nesse estilo de vida apático em relação ao sistema, a ideia de que os indivíduos, ao não concordar nem discordar das formações discursivas ideológicas utilizadas para consolidar a hegemonia, são apolíticos. No entanto, esse posicionamento também faz parte do processo de totalização do indivíduo na hegemonia do capital, visto que esse processo não é apenas político,

mas também constitui uma dimensão significativa do controle exercido pela ideologia hegemônica sobre a vida e as perspectivas individuais. Ao explorar o anarquismo nos estudos organizacionais, não apenas desafiamos as estruturas tradicionais de poder e hierarquia nas organizações, mas também destacamos o papel crítico da ideologia na criação e manutenção da hegemonia. Compreender que a mera aceitação passiva da hegemonia é, em si, uma atitude hegemônica nos leva a repensar as noções de conformidade e resistência em nosso contexto social e organizacional.

O anarquismo nos convida a questionar não apenas as estruturas de poder, mas também as ideias que as sustentam. Portanto, ao unir essa perspectiva crítica com a busca por organizações autônomas e libertárias, podemos vislumbrar um caminho para uma sociedade e organizações mais justas e igualitárias, onde a verdadeira emancipação se torna uma realidade.

Existem alternativas sim! Por que se importar e falar sobre alternativas ao sistema capitalista?

Sole e Pham (2003) criticam a noção de "direção" no imaginário administrativo, argumentando que ela reflete um arquétipo do administrador que busca controlar e coordenar usando a racionalidade burocrática de forma arrogante, em detrimento das preocupações com as pessoas nas organizações. Ao questionar o arquétipo do administrador autoritário e burocrático destaca-se a importância de considerar outras perspectivas organizacionais mais democráticas e participativas, a abordagem anarquista, por sua vez, traz elementos valiosos para repensar as formas de organização e gestão, enfatizando a liberdade, a horizontalidade e a cooperação.

Em oposição ao arquétipo controlador o surgimento da doutrina anarquista, apresenta características como a rejeição à autoridade não coletiva, a horizontalidade das relações, a ênfase na liberdade e espontaneidade do ser humano, os antagonismos, a pluralidade e a crítica à propriedade não-coletiva são centrais e fundamentam o que posteriormente foi denominado de autogestão, em contraposição à heterogestão da organização burocrática (Motta, 1981). A contribuição de Motta (1981) ao introduzir a noção de autogestão como uma alternativa à heterogestão burocrática. A autogestão propõe uma forma de organização em que os membros participam ativamente das decisões e do funcionamento da organização, promovendo uma maior democratização das relações e uma maior valorização das pessoas envolvidas.

Essas reflexões sobre a crítica à hierarquia e a busca por alternativas são essenciais para o avanço dos estudos críticos organizacionais e para a construção de modelos de gestão mais sustentáveis e humanos.

Para muitos autores é difícil ver estruturas organizacionais que fogem do considerado mainstream. Rothschild-Whitt (1979) sugere que as teorias organizacionais tendem a se concentrar nas estruturas hierarquizadas e burocráticas das organizações, deixando de lado as instituições alternativas, muitas delas fundamentadas em princípios anarquistas.

Considerar a coexistência entre gerenciamento e anarquismo nos leva a questionar se não deveríamos encarar essa relação como um embate entre os dois. Apesar de o gerenciamento ser uma ciência de controle, aparentemente oposta à ideologia anarquista de ausência de governo e

defesa da liberdade pessoal e coletiva, podemos encontrar maneiras de aprendizado mútuo entre os dois. Ainda que pareçam ter objetivos divergentes, o anarquismo pode nos incentivar a repensar aspectos fundamentais do gerenciamento e a contestar vários de seus princípios estabelecidos, os quais por vezes desafiam o senso comum nas escolas de administração (Swann e Stoborod, 2014).

Para Parker et al. (2020), a narrativa tradicional do progresso humano, vinculando a expansão de grandes empresas e burocracias estatais a uma colaboração cada vez mais complexa em busca de metas excepcionais, muitas vezes é vista como um sinal de que vivemos em um mundo gerenciado. E, essa visão é frequentemente divulgada por aqueles com interesse em promover a importância do gerenciamento, como gestores e especialistas em negócios.

A própria definição de gerenciamento abrange diversos significados, variando desde um grupo ocupacional específico até uma forma de conhecimento e habilidade. A crescente prevalência do gerenciamento levou a um entendimento mais amplo da palavra, abrangendo a organização consciente do comportamento humano em várias esferas da vida. Questionar a centralidade do gerenciamento pode parecer desafiador, mas é crucial para explorar alternativas e ampliar nossa compreensão do funcionamento organizacional Parker et al. (2020).

Em uma definição mais específica, o gerenciamento refere-se a uma estrutura hierárquica em que gerentes orientam subordinados, concentrando poder e recompensas. Essa abordagem cria uma divisão duradoura entre gerentes e funcionários, pressupondo que os primeiros possuem conhecimento exclusivo e presume que a maioria das pessoas é incapaz de se autogerir, necessitando de direcionamento e incentivos externos para manter a ordem. Sendo uma abordagem não democrática, pois não envolve o compartilhamento de informações, status ou recompensas.

Para Parker et al. (2020), a visão convencional do gerenciamento influencia a forma como as atividades empresariais são ensinadas, frequentemente destacando um modelo idealizado de organização liderada por gerentes visando maximizar lucros e coordenar operações complexas.

No entanto, essa abordagem tende a negligenciar alternativas, como a coordenação espontânea entre indivíduos e grupos. Reavaliar esse conceito de "organização" e considerar uma ampla gama de abordagens pode expandir a compreensão do mundo empresarial e desafiar suposições arraigadas sobre o papel do gerenciamento.

Refletir sobre alternativas é crucial, mesmo que evitemos os desafios que as mudanças acompanham. E essa reflexão se torna cada vez mais necessária porque o sistema atual apresenta diversas limitações e falhas que afetam desde o bem-estar das pessoas até o equilíbrio do meio ambiente. Tais como a desigualdade econômica, exploração dos trabalhadores, consumismo e desperdício, impacto ambiental e a falta de sustentabilidade. Refletir sobre alternativas nos permite buscar modelos econômicos e sociais equitativos, sustentáveis e justos.

Segundo Dos Santos e Miranda (2022), alternativas existem, mas não queremos pagar o preço por elas. Em épocas passadas, pensadores utópicos discutiram uma sociedade livre de hierarquias e padrões. Experimentos no início do capitalismo foram conduzidos, mas apenas um

prevaleceu, vinculado à propriedade e à burocracia. As formas de organização social são reforçadas pelos detentores do conhecimento e moldam as mentalidades das pessoas nas relações de trabalho, família, religião e outros ambientes.

O encontro entre o anarquismo e o gerenciamento oferece uma oportunidade intrigante de diálogo e enriquecimento mútuo. Embora aparentemente em lados opostos do espectro, essas abordagens podem se complementar de maneiras surpreendentes. O anarquismo, com seu foco na autonomia, descentralização e cooperação voluntária, pode inspirar o gerenciamento a adotar estruturas mais horizontais e participativas, enquanto o gerenciamento, com sua experiência em organização eficiente e coordenação, pode contribuir para a implementação prática de princípios anarquistas. Essa interação não apenas promove uma compreensão mais ampla da gestão, mas também abre caminho para organizações mais adaptáveis e centradas nas pessoas, fundindo a busca por eficácia operacional com a promoção da liberdade e equidade.

Anarquia e a Administração

Na gestão empresarial, a preocupação sempre foi organizar a empresa por meio da estrutura organizacional. Ela define responsabilidades e funções para que todos saibam o que fazer. Os gestores precisam decidir como montá-la, determinando quem faz o quê, quem é responsável por quem e como controlar tudo. Os principais aspectos são complexidade, formalização e centralização (Bilhim, 2014).

Uma constituição anarquista pode soar como uma contradição em termos. Para Colin Ward (1966), uma organização anarquista deve primar pela voluntariedade, já que é incoerente defender a liberdade individual ao mesmo tempo em que se advoga por filiações obrigatórias. A temporalidade e funcionalidade são essenciais, evitando assim a rigidez que gera interesses próprios dentro da organização. A pequenez das organizações é valorizada por reduzir as tendências burocráticas e complexas, embora surjam desafios quando se trata de funções sociais em grande escala. Para lidar com isso, propõe-se decompor tais funções em grupos menores, conectando-os federativamente.

Estudos mostram como constitucionalizar de maneira anarquista, de forma a projetar para fins práticos. A constitucionalização anarquista nunca termina, uma vez em que, o poder na sociedade está sempre mudando, assim, nossa compreensão da opressão muda e evolui. Kinna, Swann e Prichard (2023) exploram como criar uma constituição de maneira anarquista, oferecendo teorias e exemplos práticos. Para eles, um dos principais pontos a se considerar é que uma constitucionalização anarquista é um processo constante, devido às mudanças no poder na compreensão da opressão na sociedade. Isso envolve desafios econômicos, monopolização da informação, desigualdades decorrentes do racismo, colonialismo, heteronormatividade ou gênero.

No papel, as constituições são ferramentas para combater a dominação e opressão, buscando equilibrar o poder e moldar relações sociais em constante evolução, no entanto, as constituições não se escrevem e nem se fazem cumprir por si mesmas. O problema das

constituições governamentais, respaldadas pela autoridade, é que elas permanecem fixas quando as concepções de igualdade, equidade e distribuição de poder material mudam (Kinna, Swann & Prichard, 2023).

A constitucionalização envolve estabelecer regras, dividir o poder em instituições e grupos, definir relações entre eles e desenvolver procedimentos de tomada de decisão. Não se limita à redação de documentos, mas visa tornar visíveis grupos ocultos e criar processos de tomada de decisão transparentes para evitar a dominação arbitrária. No cerne, a constitucionalização anarquista busca a harmonização em um mundo em constante transformação, desafiando, dividindo e equilibrando o poder.

O anarquismo, uma abordagem muitas vezes associada à resistência contra as imposições externas, é também um movimento que busca criar grupos auto-organizados e empoderados. Embora pareça contraditório, o anarquismo valoriza a construção de acordos e regras internas que são consensuais, adaptáveis e conscientes, a fim de criar uma organização coletiva que seja genuinamente capacitadora.

As organizações anarquistas, de acordo com Kinna, Swann e Prichard (2023), se destacam pelos princípios fundamentais que enfatizam a liberdade, autonomia e ajuda mútua, formando a base de suas operações. O anarquismo promove grupos auto-organizados com acordos consensuais, adaptáveis e conscientes, que abrangem desde a definição de propósitos até a tomada democrática de decisões e a criação de políticas sensíveis. A cultura de grupo desempenha um papel vital ao apoiar esses acordos e garantir inclusão e empoderamento. O objetivo principal é estabelecer espaços colaborativos em busca de justiça social e ambiental. Essas organizações adotam os seguintes princípios-chave:

Consensual: Valorizam acordos consensuais criados pelas pessoas diretamente envolvidas, assegurando que todos tenham a oportunidade de influenciar as decisões, mesmo que isso demande tempo.

Passível de Mudança: Reconhecem que as circunstâncias evoluem, tornando essencial a revisão dos acordos internos quando novos membros se unem ou as situações se transformam.

Consciente: Priorizam a consciência nas decisões, incluindo discussões abertas sobre propósito, valores, processos decisórios, tarefas e políticas para evitar mal-entendidos.

Cultura de Grupo: A eficácia dos acordos depende tanto da cultura do grupo quanto dos próprios acordos, englobando normas morais, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo.

Auto-Definição: Grupos anarquistas começam definindo seu propósito, valores e princípios, criando uma base sólida para a organização.

Tomada de Decisão: Decisões são tomadas democraticamente, frequentemente por consenso, para garantir a participação de todos na direção do grupo, adaptando os métodos conforme necessário.

Eficiência e Inclusão: Buscam equilibrar eficiência e inclusão, encontrando maneiras de tomar decisões eficazes sem sobrecarregar o grupo com processos extensos.

Políticas Sensíveis: Priorizam políticas sensíveis que sejam aceitáveis para todos, reconhecendo que não há uma única maneira "certa" de fazer as coisas.

Empoderamento: Capacitar todos os membros é central, minimizando barreiras à participação e garantindo igualdade de oportunidades para os marginalizados influenciarem o grupo.

Em última análise, a organização anarquista busca criar espaços de colaboração, tomada de decisões conjuntas e busca por justiça social e ambiental, valorizando a ajuda mútua, respeitando a diversidade, capacitando seus membros e compartilhando responsabilidades. A cultura do grupo desempenha um papel crucial em seu sucesso, criando um ambiente de apoio para alcançar esses objetivos.

Utopia e as alternativas

A filosofia anarquista não apenas oferece uma interpretação crítica da realidade social atual nos âmbitos político, social, econômico e moral, mas também representa uma visão de mundo e uma utopia que visa edificar uma sociedade a partir de uma práxis emancipatória, fundamentada na busca por justiça universal - sem fronteiras - e na preservação dos direitos humanos (Verbicaro, 2008).

O termo Utopia é originado dos elementos gregos "u" (não) e "topos" (lugar), que representa um "não lugar", uma realidade inexistente, uma concepção idealizada a partir do ideal. Para Ricoeur (1996), essa palavra significa um conjunto de ideias que são capazes de refletir e de modificar uma realidade.

Segundo Verbicaro (2008), refletir sobre utopias é necessário. Assim como criar ideias para a humanidade, isso nos guia por caminhos novos, nos ajuda a criar opções diferentes e nos dá um horizonte cheio de significados e esperanças para fazer um mundo ideal acontecer. As utopias não são apenas sonhos impossíveis; na verdade, elas nos mostram caminhos que brilham com boas ideias, liberdade para todos e a mudança real do jeito que as coisas são. Sem utopias, não vemos saídas positivas, e acabamos perdidos em uma sociedade confusa e sem rumo.

A acusação de que o anarquismo é utópico tem seu percentual de verdade se aceitarmos a explicação clássica de Mannheim (1991), que descreve o utópico como, as ideias que transcendem situações específicas têm o poder de transformar a ordem histórica e social vigente.

Entretanto, existe um significado crucial no qual o anarquismo claramente não se enquadra na definição utópica, ou pelo menos é utópico de maneira que é construtiva em vez de pejorativa. A interpretação de Isaiah Berlin sobre as utopias é notavelmente restritiva e problemática, como é observado por David Halpin, pois ela não consegue capturar a função construtiva das utopias ao "facilitar uma perspectiva inovadora em relação ao futuro" (Halpin 2003) – uma faceta que Halpin e outros teóricos estão empenhados em preservar. Apesar disso, a descrição de Berlin (1991) apresenta relevância neste contexto, pois ela aponta uma abordagem crítica comum em relação ao pensamento utópico, o que, por sua vez, destaca o contraste existente com o anarquismo. Para ele, a característica fundamental da maioria das utopias é a sua

estabilidade. Elas permanecem inalteradas, pois alcançaram a perfeição: não há necessidade de novidade ou mudança, pois todos os desejos humanos naturais são realizados.

Para Suissa (2006) isso contrasta com a visão anarquista do futuro por duas razões. Primeiro, devido à concepção anarquista da natureza humana, eles não idealizam uma sociedade sem conflitos, ao contrário da "harmonia pura" da utopia de Berlin. Em vez disso, propõem uma maneira específica de resolver conflitos. Em segundo lugar, os anarquistas acreditam na evolução constante da sociedade, rejeitando uma única forma fixa de organização. Seu princípio fundamental é o esforço contínuo, a melhoria e a experimentação.

Para Vasconcelos (2013) os anarquistas também advogam por uma nova sociedade e delineiam os meios para sua implementação. Baseados no princípio da liberdade, os anarquistas almejavam uma sociedade radicalmente distinta daquela em que estavam inseridos. Helena Mueller (1993) destaca que esse é o ponto que a natureza utópica do anarquismo se revela, uma vez que ele se posiciona claramente como uma ruptura com a história.

Contudo, existem autores que ressaltam uma distinção fundamental entre anarquismo e utopia. Por exemplo, segundo George Woodcock (1984) associar o anarquista ao utópico é um equívoco. A característica fundamental do pensamento utópico reside no desejo de estabelecer uma sociedade ideal, a qual não experimentaria mais progresso ou transformação, uma vez que, por definição, o ideal é permanentemente perfeito e, portanto, imutável. Os anarquistas sustentam que não é viável empregar a experiência presente para planejar o porvir. Se clamamos por liberdade de escolha, devemos antecipar a mesma exigência por parte de nossos sucessores.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, enfocando a análise simbólica e a extração de significados da cinematografia. Segundo Bauer e Gaskell (2008), as imagens, independentemente da presença de áudio, possuem limitações, mas também têm o poder de evocar momentos marcantes.

Esta abordagem foi escolhida por permitir uma análise reflexiva, filmes, principalmente aqueles que são baseados em fatos reais têm o poder de evocar em nós uma gama diversificada de emoções, como empatia, inspiração, tristeza, admiração, reflexão, aprendizado, esperança.

A busca pelo aprendizado através de outros formatos nos permite ser mais criativos, para Rojas (2002) educar vai além de apenas transmitir conhecimento ou indicar um único caminho considerado certo pelo professor. É ajudar a pessoa a se entender, compreender os outros e a sociedade, oferecendo ferramentas para escolher entre várias opções, aquela que se alinhe com seus valores, visão de mundo e desafios futuros.

Este trabalho concentra-se nos momentos destacados de quatro filmes distintos que incorporam elementos ou ideais anarquistas, visando compreender como o anarquismo se relaciona com formas de organização através do cinema com temática anarquista. As cenas específicas selecionadas dos filmes "V de Vingança", "Capitão Fantástico", "A Travessia" e "Um Homem de Ação" – onde os dois primeiros fazem referências explícitas ao anarquismo, o

terceiro alude sutilmente ao tema – servem para aprofundar a discussão sobre o anarquismo em estudos organizacionais. Ao abordar conceitos como solidariedade, ajuda mútua e modelos organizacionais alternativos, esses filmes possibilitam reflexões sobre a constituição de organizações em sociedades não alinhadas com o atual capitalismo. A análise dos filmes foi conduzida com meticulosidade, selecionando cenas que tratam dos temas centrais ao anarquismo.

Destaca-se que, embora partes dos filmes tenham sido excluídas inicialmente, esses trechos foram descritos minuciosamente, incluindo sua cronologia, um título representativo da essência da cena e um resumo conciso. É relevante salientar que os filmes foram assistidos no início do trabalho, antes do desenvolvimento do referencial teórico, e reassistidos após sua finalização, contribuindo para a análise individualizada das cenas, que foi realizada pausadamente durante o processo de produção da análise.

5. Os quatro filmes escolhidos foram: A travessia, Um homem de ação e Capitão Fantástico e V de Vingança.

5.1. "A Travessia" (2015)

ANEXO A — A Travessia

Título:	A Travessia
Diretor:	Robert Zemeckis
Ano de Lançamento:	2015
Gênero e Estilo:	Aventura, Biografia, Drama
Sinopse:	Em 1974, o artista plástico Philippe Petit recruta uma equipe de pessoas para ajudá-lo a realizar seu sonho: caminhar no imenso vazio entre as torres do World Trade Center.

Fonte: IMDb. A Travessia, 2015.

Quadro 1 — Cenas selecionadas em A Travessia

Cena:	Minuto:	Descrição:
Introdução do Personagem:	00:04:03	Philippe é apresentado como um artista de rua talentoso em Paris. Ele exibe suas habilidades nas ruas, encantando o público, mas suas performances ilegais chamam a atenção da polícia. A perseguição das autoridades se torna uma constante em sua vida devido à natureza arriscada e não autorizada de suas apresentações.
Encontro com Jean-Louis	00:21:54	Philippe compartilha sua ideia de atravessar ilegalmente as Torres Gêmeas com seu amigo fotógrafo, Jean-Louis, convidando-o para registrar o feito. Enquanto planejam meticulosamente a travessia, discutem a rebeldia das ações artísticas, refletindo sobre como desafiar as normas sociais faz parte do espírito de todo artista.
A Preparação da Travessia:	00:53:00	Uma das cenas cruciais do filme é a preparação meticulosa para a travessia entre as Torres Gêmeas. Philippe reúne uma equipe altamente qualificada e organizada para executar sua ousada ação. A cena destaca a importância da autonomia, da cooperação e da habilidade em alcançar um objetivo aparentemente impossível. Através dessa ação, o filme retrata a subversão das regras convencionais e a determinação em desafiar as estruturas estabelecidas.
O Momento da Travessia:	01:29:29	o momento em que Philippe Petit caminha sobre o cabo esticado entre as Torres Gêmeas é um ápice emocional. Através de sua coragem e destemor, ele simboliza a busca pela liberdade individual e a capacidade de desafiar limites físicos e mentais. A cena evoca uma sensação de empoderamento e inspiração, destacando a força da motivação intrínseca em superar obstáculos. suas perspectivas sobre a liberdade individual, a autonomia coletiva e a resistência como formas de promover uma mudança significativa na sociedade.
Desafio à Autoridade e Normas Sociais:	01:36:33	Ao executar a travessia ilegal entre as Torres Gêmeas, Philippe desafia diretamente a autoridade e as normas sociais estabelecidas. Sua ação subversiva demonstra a vontade de desafiar o sistema e expressar sua própria liberdade, independentemente das consequências. Essa cena reflete o desejo de transcender as restrições impostas pela sociedade e reivindicar a autonomia sobre suas escolhas.

Fonte: Elaborado pela autora com base em “A Travessia” (2005).

O filme A Travessia, anexo A, destaca continuamente elementos que fazem parte da ideologia anarquista. Na análise das cenas no quadro 1 acima, destaca-se a ênfase na motivação intrínseca, na busca pela autonomia e na capacidade de desafiar as normas estabelecidas como elementos centrais para a expressão da liberdade individual. As cenas do filme refletem a defesa do indivíduo em oposição ao Estado, uma visão que pode ser associada ao trabalho de Emma Goldman (1911), enfatizando a importância da liberdade irrestrita e da luta pela autonomia pessoal, evidenciada no filme, ilustrando a verdadeira liberdade de escolha.

Por meio de suas escolhas, Philippe desafia as estruturas tradicionais de poder e hierarquia, alinhando-se com os princípios de liberdade, cooperação voluntária e descentralização, questionando a estrutura de poder. A história de Philippe Petit serve como um lembrete inspirador de que a determinação para superar desafios e a coragem de desafiar a

autoridade podem resultar em conquistas extraordinárias. O filme apresenta uma narrativa poderosa sobre a superação de desafios e a busca pela expressão da liberdade individual.

Da mesma forma como Philippe Petit e sua equipe se organizam, demonstram a aplicação de conceitos anarquistas de autonomia e cooperação na realização de seu objetivo aparentemente impossível. Eles desafiam as estruturas estabelecidas, sem a necessidade de uma autoridade governamental ou hierarquia rígida, tornando-se um exemplo prático do que o texto sobre constitucionalização anarquista menciona.

Assim, o filme também reflete os princípios anarquistas de autonomia, cooperação, adaptabilidade e busca por justiça, enquanto os teóricos Kinna, Swann e Prichard (2023) oferecem uma estrutura conceitual que ajuda a entender o anarquismo na administração e na organização. Philippe e sua equipe representam a aplicação prática dessas teorias, demonstrando como a anarquia pode ser implementada em situações desafiadoras e na busca de objetivos extraordinários.

5.2. "Um Homem de Ação" (2010)

ANEXO B — Um Homem de Ação

Título:	Um Homem de Ação
Diretor:	Javier Ruiz Caldera
Ano de Lançamento:	2022
Gênero e Estilo:	Biografia, Policial, Drama
Sinopse:	Neste drama inspirado na vida de Lucio Urtubia, um anarquista coloca em prática uma ambiciosa operação de falsificação que tem como alvo um dos maiores bancos do mundo.

Fonte: IMDb. Um Homem de Ação, 2022.

Quadro 2 — Cenas selecionadas em Um Homem de Ação

Cena:	Minuto:	Descrição:
Infância Carente e Pedido de Dinheiro ao Banco:	00:06:00	A infância difícil de Lúcio é destacada quando seu pai doente precisa de dinheiro para tratamento médico. Inicialmente, tenta empréstimo, mas enfrenta rejeição dos banqueiros. Sua visão crítica do sistema se consolida quando hesita em assaltar o banco, impulsionando-o a desafiar o sistema mais tarde.
Conversas sobre Ideologia e Liberdade:	00:12:48	Em diálogos com outros personagens, ele conhece o anarquismo e a partir disso se determina como um anarquista. Lúcio discute suas motivações e suas crenças na luta contra o capitalismo. Explorando suas perspectivas sobre a liberdade individual, a autonomia coletiva e a resistência como formas de promover uma mudança significativa na sociedade.
Assalto aos Bancos:	00:20:00	Lúcio Urtubia liderando ações para assaltar bancos e financiar movimentos anarquistas ilustram sua abordagem direta e subversiva contra o sistema capitalista, enfatizando sua busca por justiça através de ações concretas.
A Fraude ao Banco:	01:01:00	Urtubia falsificou cheques e os utilizou para financiar movimentos revolucionários, incluindo a esquerda radical e independentistas bascos. Ele conseguiu enganar os bancos, e o dinheiro obtido dessa maneira foi totalmente direcionado aos grupos.
Julgamento e Solidariedade:	01:30:00	Após ser preso e julgado, Lúcio recebe apoio de outros anarquistas e ativistas. Essa cena demonstra a importância da solidariedade dentro do movimento e a determinação em enfrentar as consequências de suas ações em busca de um sistema mais justo.
Negociação ao Receber Dinheiro do Banco:	01:39:00	Lúcio recebe um montante de dinheiro de um banco após ações subversivas. Ele acredita ter obtido uma vitória, mas o banco minimiza o valor como uma "gorjeta", simbolizando a insignificância atribuída pelo sistema às ações de resistência. Isso destaca a complexa relação entre esforços individuais e estruturas institucionais.

Fonte: Elaborado pela autora com base “Um Homem de Ação” (2022).

Através do filme "Um Homem de Ação" apresentado no Anexo B, somos conduzidos pela vida de Lúcio Urtubia. As situações retratadas no quadro 2 evidenciam a conexão direta entre a trajetória de Lúcio Urtubia e as ações dos anarquistas, as quais ecoam as ideias discutidas ao longo deste trabalho. O filme exemplifica uma busca incansável por liberdade, resistência contra as estruturas de poder estabelecidas e uma luta contínua por justiça, valores intrínsecos ao cerne do anarquismo. O personagem, demonstra a importância da liberdade irrestrita, à semelhança das ideias de Emma Goldman (1911). A busca por autonomia pessoal e a determinação em resistir ao sistema capitalista são elementos-chave da narrativa, alinhando-se com os princípios da ação direta preconizada por teóricos como Bakunin (2016).

O filme também destaca a cooperação e solidariedade entre os anarquistas, em sintonia com os princípios de Piotr Kropotkin (1842-1921) e sua "Lei da Ajuda Mútua". Nesse contexto, o grupo prioriza a cooperação como um princípio fundamental, promovendo uma sociedade baseada na solidariedade, igualdade e cooperação voluntária, contrapondo-se à competição e a

hierarquia dos sistemas autoritários. As ações dos personagens ilustram seu compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, ressaltando a constante evolução da sociedade em busca de aprimoramentos.

Em resumo, "Um Homem de Ação" oferece uma representação vívida das ideias anarquistas na prática, destacando a luta contínua por liberdade, focando na ação direta, oposição ao poder estabelecido e a busca por uma sociedade mais cooperativa e igualitária. O filme inspira reflexões sobre a natureza da luta social e as diversas abordagens para promover mudanças em busca de um mundo mais justo, mesmo diante de desafios e adversidades.

5.3. "V de Vingança" (2005)

ANEXO C — V de Vingança

Título:	V de Vingança
Diretor:	James McTeigue
Ano de Lançamento:	2005
Gênero e Estilo:	Ação, Drama, Ficção científica, Suspense
Sinopse:	Em uma Inglaterra distópica, onde um anarquista mascarado conhecido como "V" luta contra um regime totalitário e suas tentativas de inspirar a população a se unir contra a opressão. Sua busca pela liberdade envolve resistência, desafio ao poder opressivo e uso de violência planejada.

Fonte: IMDb. V de Vingança, 2005.

Quadro 3 — Cenas Selecionadas em V de Vingança

Cena:	Minuto:	Descrição:
Abertura e Introdução de V:	00:02:14	Esta cena estabelece o caráter enigmático e vingativo de V, simbolizando sua luta contra o governo opressivo e o início de sua campanha pela liberdade.
Encontro de V e Evey:	00:06:00	V salva Evey Hammond da violência policial e a leva para sua casa escondida. A partir desse encontro, através de seus diálogos, ele compartilha sua visão de liberdade, despertando o questionamento das ações do governo e chamando Evey à ação.
Discurso Nacional de V:	00:18:50	V invade a rede de TV para realizar uma intervenção pública impactante. Durante essa ação, ele transmite mensagens que incentivam os cidadãos a questionar a autoridade estabelecida.
O Relato de Valerie Page	01:12:00	V compartilha a história de Valerie Page, uma mulher perseguida e presa por causa de sua orientação sexual em uma sociedade opressiva. Esse relato impacta profundamente Evey, mostrando a brutalidade do regime e inspirando-a a compreender a importância da liberdade e da resistência. A história de Valerie é um ponto de virada para Evey, motivando-a a se unir à luta contra a opressão.
Desfile das Máscaras:	02:00:00	Simboliza a união das pessoas em sua luta coletiva pela liberdade e justiça. Ao vestirem a mesma máscara, os cidadãos demonstram solidariedade e apoio aos ideais de V, mostrando que estão unidos na busca por mudanças sociais e políticas. Essa cena ilustra a força do povo quando se une em torno de um objetivo comum, enfatizando a importância da união e da identidade coletiva na resistência contra regimes autoritários. Assim, sendo o despertar da população.

Fonte: Elaborado pela autora com base “V de Vingança” (2005).

O filme "V de Vingança", apresentado no anexo C, revela uma luta constante por liberdade e resistência contra um governo opressivo. Através das cenas especificadas retratadas no quadro 3, percebe-se a conexão do filme com questões anarquistas e filosóficas que permeiam a narrativa.

Conforme abordado por Ferreira (2016), o filme ilustra a busca por liberdade e a rejeição do status quo, ecoando a visão anarquista de questionar e buscar alternativas ao sistema estabelecido. Essas cenas específicas destacam a importância da ação direta e da voz do povo na luta contra a opressão.

A análise das cenas ressoa com os conceitos anarquistas de auto-organização e resistência ativa, conforme discutido por Bakunin (2016) e outros teóricos anarquistas. O filme exemplifica a necessidade de ações diretas, demonstrando como a resistência popular pode desafiar o poder estabelecido.

George Woodcock (1984) e Helena Mueller (1993) ressaltam a diferença entre anarquismo e utopias estáticas, onde o anarquismo busca a evolução contínua da sociedade. As cenas analisadas refletem essa dinâmica, enfatizando a resistência e a busca por mudanças

constantes.

O filme retrata o tema da luta contra a opressão de forma impactante, ecoando as ideias anarquistas de liberdade e resistência coletiva. Ele oferece uma visão crítica sobre a busca utópica por liberdade e justiça, promovendo a reflexão sobre a importância da resistência frente à opressão.

Assim, "V de Vingança" ressoa com os princípios anarquistas ao destacar a importância da ação direta, da voz popular e da resistência ativa na busca por uma sociedade mais justa e livre de opressão.

Apesar da presença da violência, ela não foi usada como modelo para analisar o contexto anarquista. A espetacularização dessas cenas pode desviar a atenção dos princípios centrais do anarquismo, como a ação direta e a resistência coletiva. É importante destacar que a análise não se concentrou nesse aspecto, priorizando a exploração dos princípios ideológicos do anarquismo e sua aplicação no contexto do filme.

5.4. "Capitão Fantástico" (2016)

ANEXO D — Capitão Fantástico

Título:	Capitão Fantástico
Diretor:	Matt Ross
Ano de Lançamento:	2016
Gênero e Estilo:	Comédia, Drama
Sinopse:	Nas florestas do Pacífico, um pai dedicado a cuidar de seus filhos com uma educação física e intelectual rigorosa deve deixar seu paraíso para entrar em um mundo que questiona a ideia do que significa ser pai.

Fonte: IMDb. Capitão Fantástico, 2016.

Quadro 4 - Cenas selecionadas em Capitão Fantástico

Cena:	Minuto:	Descrição:
Vivendo na Natureza:	00:05:55	A cena de abertura apresenta a família Cash vivendo em meio à natureza, caçando e coletando alimentos. Essa cena ilustra a busca por uma vida alternativa e afastada do consumismo da sociedade moderna, destacando a liberdade na simplicidade da natureza
Confronto com a Tragédia:	00:18:25	Após enfrentar uma tragédia, a família precisa lidar com a dor e suas diferentes formas de reação, revelando a resiliência e os desafios que testam suas crenças e estilo de vida alternativo.
Diálogos sobre Educação e Estilo de Vida:	00:56:00	Durante essa visita, surgem discussões intensas sobre os métodos de educação e estilo de vida que ele escolheu para seus filhos. Os familiares expressam preocupações e críticas em relação à educação não convencional das crianças, gerando conflitos de valores e visões entre estilos de vida contrastantes. Essa cena destaca os diferentes pontos de vista sobre educação e estilo de vida na sociedade.
Questões de Identidade:	01:18:16	A busca dos filhos pela própria identidade, especialmente o desejo de frequentar a universidade, levanta questões sobre liberdade de escolha e diversidade de opiniões dentro da própria família, desafiando os padrões estabelecidos.

Fonte: Elaborado pela autora com base em “Capitão Fantástico” (2016).

O filme Capitão Fantástico, anexo D, ilustra a busca por liberdade em uma sociedade convencional e destaca a diversidade de formas de organização familiar. O filme narra a história da família Cash, que escolhe viver um estilo de vida alternativo, desafiando as convenções sociais estabelecidas. Eles priorizam a liberdade, a educação não convencional e a diversidade. No entanto, quando um dos filhos decide ingressar na universidade, surgem dilemas que desafiam suas crenças arraigadas. Essa escolha reflete a visão anarquista de questionar e buscar alternativas ao sistema estabelecido (Ferreira, 2016).

A análise do filme destaca as cenas principais demonstradas no quadro 4, a cena inicial apresenta a família imersa na natureza, buscando alimentos e vivendo distante do consumismo da sociedade. Representa a busca por uma vida alternativa e a liberdade encontrada na simplicidade do ambiente natural. Alinhando-se com a ênfase anarquista na autonomia e na rejeição de estruturas hierárquicas assim, ecoando a ideia anarquista de busca por liberdade e autonomia (Brito, 2016).

A decisão da família Cash de viver de maneira alternativa pode ser interpretada como uma resistência à hegemonia da sociedade convencional (Gramsci, 1978). Onde os indivíduos desafiam a aceitação passiva da ideologia dominante, refletindo uma atitude não-hegemônica que é crucial para a verdadeira emancipação (Day, 2005).

O dilema enfrentado pela família diante da decisão de um dos filhos de frequentar a universidade, também se conecta com as ideias anarquistas. O conflito de valores sobre a

educação formal versus a autonomia reflete a crítica anarquista à imposição de normas e hierarquias, destacando a importância da liberdade de escolha e da diversidade de perspectivas (Brito, 2016).

A cena final, mostra o momento em que o filho parte para estudar na universidade, uma despedida emotiva ocorre, retratando os conflitos internos e os sentimentos contrastantes diante da decisão de trilhar um caminho diferente. Onde, essa temática relacionada à identidade individual e à busca pela própria trajetória está intrinsecamente ligada ao anarquismo, que valoriza a espontaneidade e a pluralidade, rejeitando ideias predefinidas de sucesso (Brito, 2016). A narrativa do filme enfatiza que a simples aceitação ou passividade diante da hegemonia é, em si mesma, uma atitude hegemônica, alinhando-se com as perspectivas de Laclau, Mouffe e Böhm (Laclau & Mouffe, 1985; Böhm, 2006).

As reflexões sobre alternativas ao sistema atual e a crítica à visão convencional do gerenciamento encontram eco nas discussões sobre organizações anarquistas. O filme ressoa com as críticas à hierarquia e à busca por formas alternativas de organização apresentadas por Motta (1981).

6. Considerações finais

Este estudo se propôs a investigar a relação entre o anarquismo e as estruturas organizacionais, valendo-se da análise de filmes com temática anarquista, selecionando cenas específicas de quatro filmes distintos: "Capitão Fantástico", "V de Vingança", "A Travessia" e "Um Homem de Ação". O objetivo central foi fomentar discussões nos estudos organizacionais ao explorar personagens e situações em filmes contemporâneos que abordam questões inerentes ao anarquismo, tais como ação direta, solidariedade, ajuda mútua e estruturas não convencionais de organização.

A interação entre o anarquismo e a gestão, embora inicialmente considerada opostos, revela um terreno propício para o diálogo construtivo. Conforme apontado por Swann & Stoborod (2014), o anarquismo, ao enfatizar a autonomia e a cooperação voluntária, pode inspirar a gestão a adotar estruturas mais horizontais, promovendo organizações adaptáveis e centradas nas pessoas. Esta perspectiva desafia a visão tradicional do progresso humano, geralmente associada à expansão de grandes empresas e burocracias, abrindo espaço para modelos mais sustentáveis e humanos, conforme sugerido por Parker et al. (2020), abrindo espaço para modelos mais sustentáveis e humanizados.

Essa transição fundamental realça a relevância do aspecto humano dentro das organizações, reorientando o conceito de sucesso para um caminho mais alinhado com as necessidades emocionais, intelectuais e sociais, contribuindo para uma melhoria na qualidade de vida das pessoas e um impacto positivo na sociedade em geral.

Ao unir as reflexões dos filmes com as teorias anarquistas e críticas organizacionais, destaca-se a importância de desafiar as normas estabelecidas, buscar alternativas e reavaliar as estruturas sociais e organizacionais em prol de maior equidade, liberdade e justiça. Conforme

apontado por Rothschild-Whitt (1979), as teorias organizacionais costumam focar em estruturas hierarquizadas e burocráticas, negligenciando instituições alternativas, muitas fundamentadas em princípios anarquistas. Esse enfoque permite questionar os elementos essenciais do paradigma político. Segundo a visão de Gramsci (1978), a mera aceitação ou a passividade diante da hegemonia constitui, por si só, uma atitude igualmente hegemônica, reforçando a importância de questionar continuamente a hegemonia para desconstruir narrativas dominantes, promover o pensamento crítico e fortalecer o empoderamento social.

Essas análises podem fomentar reflexões sobre a construção de organizações em sociedades alternativas ao capitalismo moderno, ainda que de maneira utópica, destacando possibilidades que valorizam o potencial humano, reafirmam o papel da sociedade e da comunidade nas discussões organizacionais e enaltecem a solidariedade entre pessoas para o alcance de objetivos coletivos.

Apesar das contribuições elucidativas deste estudo, é crucial ressaltar suas limitações. A carência de conteúdos que interligam a anarquia com a administração e o anarquismo nos estudos organizacionais foi um desafio identificado, podendo influenciar a amplitude e profundidade das análises propostas. Este ponto reitera a necessidade de pesquisas adicionais e aprofundadas nessa área, permitindo o estabelecimento de bases mais sólidas para futuros estudos sobre o tema.

No âmbito teórico, esta pesquisa expandiu as discussões ao explorar a relação entre o anarquismo e a gestão, desafiando concepções tradicionais e ampliando as possibilidades de estruturas organizacionais mais inclusivas e participativas. Ofereceu reflexões pertinentes para a gestão, visando modelos mais colaborativos e humanizados. Socialmente, sugere caminhos para uma reflexão crítica sobre o atual modelo capitalista e suas alternativas, considerando um olhar mais igualitário, livre e solidário para a construção de um futuro mais promissor.

Referências:

A TRAVESSIA. Robert Zemeckis. TriStar Pictures, 2015.

ALVESSON, M.; DEETZ, S. **Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais.** In: CLEGG, S. et al. (Orgs.). Handbook de estudos organizacionais. Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. 1. São Paulo: Atlas, 1999.

AMSTER, Randall. **Anarquismo como teoria moral: práxis, propriedade e o pós-moderno.** 2018.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático.** 2. ed. [S. l.]: Vozes, 2008.

BILHIM, João Abreu de Faria. **Ciência da administração.** 2014.

BRITO, L.; Os anarquistas ordenam o mundo: a Filosofia de Proudhon e Bakunin. **Em curso**, v. 3, 2016.

CASAGRANDE, L.; CAMARA, G. D. **Liberdade e convivialidade como práticas contra-hegemônicas nas zonas autônomas**. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, v. 5, n. 3, p. 115-128, 2011.

CAMPIONE, D.; Para Leer Gramsci. Buenos Aires: **Ediciones del CCC Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini**, 2007.

CAPITÃO FANTÁSTICO. Matt Ross. Electric City Entertainment, 2016.

CARNEIRO, B.; A prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade. **verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 38, 2020.

DAY, Richard J.F. **Gramsci Is Dead: Anarchist currents in the newest social movements**. London: Pluto Press, 2005.

DOS SANTOS, Kárta Barbosa; MIRANDA, Rodrigo. **O Anarquismo nos Estudos Organizacionais Brasileiros: O Resgate De Teorias Alternativas Radicais ao Modelo Capitalista Vigente**, 2022.

FARIA, J. H. DE. Weber e a sociologia das organizações. **Revista de Administração**, v. 18, n. 2, p. 23–29, 1983.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Pensamento e práticas insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI. **Niterói: Alternativa**, 2016a. p. 9-34

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 1999.

GRAMSCI, A.; Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 1978

Goldman, E. (1911). **Anarchism and Other Essays**. New York: Mother Earth Publishing Association.

IMDb. **A travessia (2015)**. Disponível em: [The Walk \(2015\) - IMDb](#). Acesso em: (10/11/2023).

IMDb. **Capitão Fantástico (2016)**. Disponível em: [Captain Fantastic \(2016\) - IMDb](#). Acesso em: (10/11/2023).

IMDb. **Um Homem de Ação** (2021). Disponível em: [A Man of Action \(2022\) - IMDb](#). Acesso em:(10/11/2023).

IMDb. **V de Vingança** (2005). Disponível em: [V for Vendetta \(2005\) - IMDb](#). Acesso em: (10/11/2023).

KINNA, R., SWANN, T., & PRICHARD, A. **Seeds for Change - Anarchic Agreements: A Field Guide to Collective Organizing**. PM Press, 2023.

KROPOTKIN, P. Ajuda Mútua: um fator de evolução. **Editora A Senhora**, 2009

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and Socialist Strategy**. London: Verso,1985

LÊNIN, Vladímir I. **O Estado e a Revolução**. Boitempo Editorial, 2017.

MARANHÃO, C.; SANTOS, F. C. P. D.; GOUVEIA, P. N. Teoria Crítica e Didática: Um Desafio para a Educação Contemporânea. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 24, n. 1, p. 129-148, 2018.

Marx, Karl, and Friedrich Engels. **Manifesto of the Communist Party**. 1848.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: **Melhoramentos**, 2007.

MIRANDA, U. L.; AMARAL, J. C.; ASSIS, L. B. Nós, Daniel Blake: Uma Análise dos Dispositivos de Controle, Dominação e Resistência. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 14, p. 1265-1313, 2018.

MOTTA, F. C. P. Burocracia e Autogestão: a proposta de Proudhon. **São Paulo: Brasiliense**, 1981.

NETTO, A. F. N.; FERREIRA, V. C. P.; NOVAES, J. L. C.; NEIVA, D. S. A Teoria Crítica no Estudo da Administração. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 6, n. 3, p. 282-302, 2016.

PAULA, A. Maurício Tragtenberg: contribuições de um marxista anarquizante para os estudos organizacionais críticos. **Revista de Administração Pública**, v. 42, p. 949-968, 2008.

PARKER, MARTIN, KONSTANTIN STOBOROD e THOMAS SWANN (eds.). 2020. **Anarchism, Organization and Management: Critical Perspectives for Students**. Londres: Routledge.

PROTOPIA. **BEY, H. Sobre a Anarquia: Perguntas e Respostas**. Disponível em: [Sobre a Anarquia | Protopia Wiki](#) | Acesso em 07 out.2023.

RICOEUR, P. **Ideología y Utopía. Barcelona: Gedisa, 1996.**

RIAZ, A.; BATOOL, S.; SAAD, M. S. M. The missing link between high performance work practices and perceived organizational politics. **Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 2, p. 82–94, 9 mai. 2019.

ROTSCHILD-WHITT, J. **The Collectivist Organization: an alternative to rational-bureaucratic models.** 1979.

SEGNINI, L. R. P. Maurício Tragtenberg, um intelectual intransigente, um amigo generoso. In: SILVA, D. A.; MARRACH, S. A. Maurício Tragtenberg: uma vida para as ciências humanas. São Paulo: **Unesp, Fapesp**, 2001.

SODOT, J. PROTOPIA: O futuro não é mais como era antigamente. Disponível em [Apresentação | Protopia Wiki](#) | . Acesso em: 07.out.2023.

SOLE, A.; PHAM, D. **Esta imagem da qual somos tão prisioneiros.** Gestão.Org, v.1, n.1, Janeiro/Junho, 2003.

UM HOMEM DE AÇÃO. Javier Ruiz Caldera. La Pulga y el Elefante, 2022.

V DE VINGANÇA. James McTeigue. Warner Bros. Productions, 2005.

VERBICARO, L. P. UMA CRÍTICA À SOCIEDADE BURGUESA À LUZ DA UTOPIA ANARQUISTA – UMA RELEXÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**, [S. l.], v. 4, n. 4, 2008.

WARD, C. **Anarchy in Action. London: Freedom Press.** 2004.

WARD, Colin. **Anarchism as a Theory of Organization.** The Anarchist Library, 1966.